

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO UMA TECNOLOGIA DE GOVERNO NA SOCIEDADE DE APRENDIZAGEM

Margrid Burliga Sauer

Ser cidadão da sociedade da aprendizagem significa não apenas ser criativo e querer participar, mas, de modo geral, demanda algo mais, uma disposição para investir com vistas a um retorno futuro (MASSCHELEIN; SIMONS, 2011, p.130)

Resumo:

O objetivo deste artigo é mostrar como a Educação a Distância - EAD funciona como uma das tecnologias de governo dos sujeitos na sociedade de aprendizagem. O material empírico analisado consiste de três peças publicitárias de diferentes instituições de ensino superior que oferecem graduação e/ou pós-graduação na modalidade EAD. As análises, desenvolvidas a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, mostram que as peças apresentam a EAD como uma modalidade capaz de preparar os sujeitos para melhor concorrerem no mercado sem que percam sua liberdade, pois serão gestores de seu tempo e de suas escolhas. Ainda de acordo com essas análises, uma formação permanente e infinita coloca-se como a condição para o sucesso profissional, sendo que por meio da educação a distância isto poderia ser realizado com pouco investimento financeiro, pois o maior investimento seria de esforço pessoal.

Palavras-chave: Educação a distância; sociedade de aprendizagem; governamentalidade.

De acordo com Masschelein e Simons (2011), hoje somos (ou deveríamos ser) os habitantes de uma sociedade da aprendizagem. Segundo estes autores, a sociedade da aprendizagem não apenas parece ter se tornado uma noção necessária para se pensar e escrever sobre nós mesmos, como também introduz tecnologias¹ capazes de nos transformar em aprendizes, em um processo que pode se estender ao longo de toda a nossa vida. Tais tecnologias e procedimentos remetem à compreensão de nós mesmos como um tipo particular de sujeito, isto é, sujeitos para os quais a aprendizagem seria uma força natural capaz de orientar nossas ações ao longo de toda a vida (MASSCHELEIN; SIMONS, 2011, p.122).

Vivemos, em nossa sociedade, sob o imperativo do aprender, segundo Saraiva (2015). Atualmente, configura-se e naturaliza-se a noção de que o processo de aprendizagem vai se estender por toda a vida. Ainda que a noção de aprendizagem se dissemine para incluir uma diversidade de recursos, mantém-se especialmente valorizada aquela relacionada ao ato de

¹ Neste artigo, tomamos tecnologias no sentido atribuído por Foucault (2004). Na seção seguinte, apresentamos uma breve discussão do conceito.

participar de situações formais de educação (SARAIVA, 2015). Para a autora, a passagem de uma sociedade moderna baseada no tripé *governamentalidade liberal-capitalismo industrial-sociedade disciplinar*, para uma lógica contemporânea, onde a base passa a ser o tripé: *governamentalidade neoliberal-capitalismo cognitivo-sociedade de controle*, faz surgir novas práticas para governar os sujeitos. As noções de aprendizagem ao longo da vida e de sociedade de aprendizagem fazem parte deste conjunto de tecnologias que emerge juntamente com a consolidação deste último tripé.

Na sociedade contemporânea, que estaria apoiada em uma *governamentalidade neoliberal*, ganha ênfase a concorrência, e essa concorrência não estaria mais restrita às empresas, mas também deve se fazer presente nas relações entre os indivíduos. A racionalidade que emerge com a governamentalidade neoliberal determina que cada um deve proceder como “empresário de si mesmo” para sobreviver e prosperar no mercado atual (FOUCAULT, 2008). Os empresários de si devem fazer investimentos no seu capital humano², promovendo seu crescimento, o que resultaria na melhoria de sua capacidade de gerar renda. Nessa perspectiva, o sujeito deve tomar decisões e assumir posturas que contribuam para fazer com que vida e carreira se entrelacem, tornando-se ao longo do tempo uma coisa só (SARAIVA, 2015).

Para participar desse jogo do mercado observado na sociedade da governamentalidade neoliberal, é preciso estar preparado, é preciso investir mais e mais na carreira, melhorando as condições para enfrentar a competição. É preciso gerenciar a carreira como um bem intangível, é preciso investir no seu capital humano. É preciso que o sujeito tenha sempre a sensação de que nunca está totalmente pronto, faltando sempre mais um degrau a ser alcançado. Mais ainda, quando este último degrau finalmente é alcançado, novos desafios surgem e novos patamares de desempenho, mais elevados, são impostos.

Neste contexto, o objetivo deste artigo é analisar como a Educação a Distância (EAD) contribui na produção e manutenção da sociedade de aprendizagem, tornando-se uma das suas tecnologias para governar³ os sujeitos. Entendemos a relação entre EAD e sociedade de aprendizagem como circular. Ou seja, a EAD tanto é uma tecnologia produzida pela sociedade de aprendizagem, quanto contribui para sua consolidação, funcionando sob os princípios do tripé *governamentalidade neoliberal-capitalismo cognitivo-trabalho imaterial*. Mais especificamente, neste artigo analisamos os significados que são postos em circulação

² O capital humano constitui-se em um conjunto de conhecimentos, capacidades, habilidades e destrezas com valor de mercado que permite a geração de renda para o sujeito. A renda auferida pelo indivíduo seria, de acordo com Schultz (1973), proporcional a seu capital humano.

³ Entendemos, na esteira de Foucault, governar como sendo a ação de conduzir as condutas dos outros.

por três universidades que oferecem a EAD, por meio de anúncios publicitários, visando capturar os sujeitos para uma aprendizagem ao longo de toda a vida.

Na seção seguinte apresentamos o conceito foucaultiano de governamentalidade e como a sociedade de governamentalidade neoliberal abre espaço para que a EAD se torne uma tecnologia de governo dos sujeitos.

Governamentalidade na sociedade contemporânea

Para desenvolver a ideia de que a EAD possa funcionar como uma tecnologia para governar os sujeitos na sociedade de aprendizagem, iremos recorrer aos conceitos foucaultianos de tecnologia e governamentalidade. No artigo *Tecnologias de si*, Foucault (1982) aborda a maneira como indivíduos desenvolvem os conhecimentos sobre si mesmos em nossa cultura. Foucault (2004) destaca a existência de quatro grupos de tecnologias: 1) tecnologias de produção, 2) tecnologias dos signos, 3) tecnologias de poder, e 4) tecnologias de si. Apesar de cada uma dessas tecnologias estar associada a uma certa forma de dominação, segundo Foucault (1982), elas dificilmente operam separadamente. Adicionalmente, cada uma destas tecnologias “implica certos modos de treinamento e modificação dos indivíduos, não apenas no sentido óbvio de aquisição de certas habilidades, mas também de aquisição de certas atitudes” (FOUCAULT, 2004, p.323).

As tecnologias que nos interessam para as análises que serão desenvolvidas aqui são as tecnologias de poder e as tecnologias de si, que se articulam, no caso da EAD, com as tecnologias digitais pertencentes ao grupo da produção para governar os indivíduos. As tecnologias de poder são aquelas que “determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins ou dominação, objetivando o sujeito” (FOUCAULT, 2004, p. 323). Já as tecnologias de si “permitem aos indivíduos efetuarem, com seus próprios meios ou com ajuda de outros, certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade” (FOUCAULT, 2004, p. 323/4). À operação conjunta dessas duas tecnologias, Foucault (2004) denominou de governamentalidade.

A governamentalidade está presente na sociedade neoliberal de uma nova forma em relação àquela do liberalismo, como assinala Gadelha (2009, p.151). Trata-se de uma governamentalidade que estrategicamente programa as atividades e os comportamentos dos indivíduos, fazendo uso de novas tecnologias gerenciais no campo da administração e do gerenciamento dos recursos de produção. Estas práticas e saberes voltados à dinâmica e à gestão de grupos e das organizações, como propaganda, publicidade, *marketing*, *branding*,

literatura de autoajuda, entre outros, transformam o que seria uma sociedade de consumo numa sociedade de empresa, induzindo os indivíduos a modificarem a percepção que têm de suas escolhas e atitudes referentes a suas próprias vidas e às de seus pares, de modo que cada vez mais estabeleçam entre si relações de concorrência.

Para Saraiva (2010), na passagem da sociedade moderna para uma sociedade contemporânea, observa-se cada vez mais o sujeito tendo que lidar com responsabilidades que antes eram atribuições coletivas. Torna-se necessário que este aprenda a cuidar de si mesmo, responsabilizando-se individualmente pelo seu próprio bem estar e também pela sua produtividade. Percebe-se nesta passagem a mudança no comportamento esperado dos trabalhadores. Os que antes deviam cumprir procedimentos e executavam tarefas, hoje dão lugar a trabalhadores que devem se comportar como empresários de si mesmo, gestores de sua vida (SARAIVA, 2010).

Para Foucault, as sociedades contemporâneas estariam sob a égide da governamentalidade neoliberal. Nesta nova organização, os indivíduos não são (mais) tomados como cidadãos, mas entendidos como *eus* empresariais e empresários de si mesmos (MASSCHELEIN; SIMONS, 2011). Outro modo de interpretar esta situação é considerar que o *Homo œconomicus* não seja mais o homem da troca, o homem consumidor, mas o homem da empresa e da produção (FOUCAULT apud GADELHA, 2009).

Dentro dessa nova dinâmica que se apresenta na sociedade atual, os indivíduos e a coletividade vêm sendo cada vez mais investidos por novas tecnologias e mecanismos de governo que fazem de sua formação e de sua educação, num sentido amplo, uma espécie de competição desenfreada (GADELHA, 2009). É como se a lógica do capital fosse o fundamento último da própria vida humana em sociedade. Dentro dessa mesma lógica, tem se disseminado de forma surpreendente uma nova discursividade nas searas educativas, que busca fazer dos sujeitos indivíduos-microempresas ou verdadeiros empreendedores (DAVENPORT apud GADELHA, 2009, p.156).

Segundo Gadelha (2009), essa nova discursividade tem sido acolhida e festejada na educação tanto por setores progressistas quanto por setores conservadores, por segmentos privados e públicos, por organizações governamentais e não governamentais. Ao inserir o empreendedorismo no currículo escolar, tenta-se disseminar a cultura empreendedora e a disseminação dessa cultura vem sendo feita de tal modo a ampliar-se progressivamente, associada a tudo o que seria decisivo e bom. Ela vem sendo disseminada como algo bom não só para o sucesso dos indivíduos em particular, mas também para o progresso de toda a sociedade (GADELHA, 2009, p.157).

Segundo Masschelein e Simons (2011), a sociedade da aprendizagem expressa princípios de uma humanidade universal e de uma promessa de progresso que parece transcender a nação. O que temos hoje é uma sociedade governada em nome de um ideal cosmopolita, que tem a pretensão de ser universal, que promete satisfação pessoal e progresso social a uma população de aprendentes e auto-organizados.

É nesse contexto de uma sociedade de aprendentes que entendemos que a EAD pode funcionar como uma tecnologia de governo, contribuindo para que os indivíduos efetuem modificações nas suas condutas, visando alcançar a prometida satisfação pessoal e o progresso social.

Na seção seguinte, apresentamos alguns dos principais marcos históricos da EAD no Brasil.

A Educação a Distância (EAD) no Brasil

O Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que regulamenta a Educação a Distância no Brasil, delinea um entendimento sobre esta modalidade educacional.

Art. 1º

Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, 2005).

Como o próprio decreto prevê, a EAD se caracteriza pela utilização de meios tecnológicos capazes de conectar alunos e professores. Porém, nem sempre foi assim. O primeiro curso por correspondência, tecnologia utilizada quando da emergência dos cursos a distância, de que se tem notícias no Brasil é um curso de datilografia, que data de 1904. Nesse tipo de curso, o aluno recebia o material solicitado em casa, com conteúdos e exercícios a respeito do tema que seria estudado, devendo seguir autônoma e individualmente o plano de estudo enviado. Na sequência, surgiu o Instituto Radio Monitor (1939) e a Universidade do Ar (1940), que utilizavam programas radiofônicos, e o Instituto Universal Brasileiro (1941), também organizado por correspondências. Esse último existente até hoje. Mais tarde, na década de 1960, surgiu o Movimento Nacional de Educação de Base-MEB, que foi um marco na Educação não formal no Brasil. Envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal, o MEB utilizou-se inicialmente de um sistema rádio educativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos (SARAIVA, 2010; ALVES, 2011).

A partir dos anos 1970, tem-se uma nova fase para a EAD no Brasil. Ainda com o foco principal nos materiais impressos, mas já seguindo a evolução da tecnologia, surgiram as fitas de vídeo e os programas da televisão. O projeto Minerva, transmitido via rádio, e o Telecurso da Fundação Roberto Marinho exemplificam essa geração de cursos. Nessa mesma década, na Europa e nos Estados Unidos já surgiam as primeiras universidades com foco na educação a distância, enquanto no Brasil, até a década de 1990, as atividades universitárias não presenciais tinham pouca penetração. Esse cenário só vai se transformar com o surgimento e popularização da internet. Nessa última geração do EAD, a tecnologia está totalmente integrada e os alunos utilizam os mais diversos recursos de comunicação conectados à internet, permitindo interações com professores e colegas (ALVES, 2011). A interação proporcionada pelos recursos digitais rompe com o isolamento dos alunos da EAD, mas, simultaneamente, promove novas formas de governo, tanto de alunos, quanto de professores (SARAIVA, 2010).

Em 2013, o Brasil tinha aproximadamente 1.500 instituições de educação à distância, com mais de três milhões de alunos matriculados, segundo o censo realizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED, 2014). A distribuição da população estudantil que se utiliza de recursos da educação à distância pode ser observada na Figura 1:

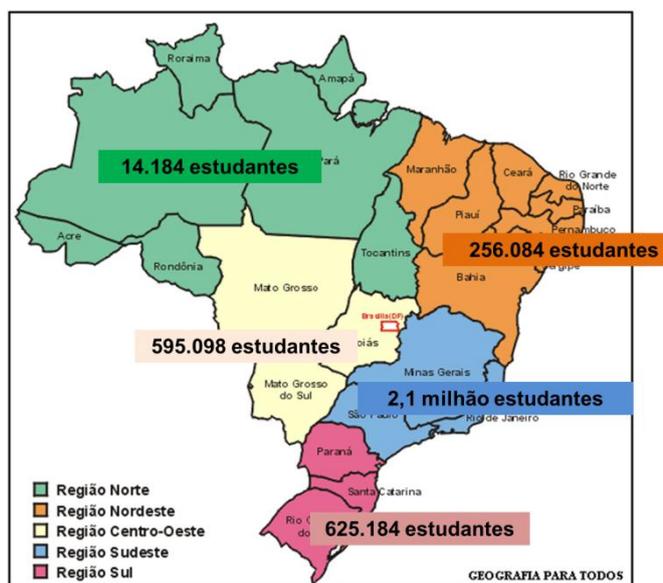


Figura 1 – Distribuição dos alunos em 2011 (EAD, 2015)

A oferta de cursos a custo mais baixo do que uma graduação ou pós-graduação presencial, além da liberdade de horários e da reduzida necessidade de deslocamentos, instiga um grande número de sujeitos a buscarem, por meio da EAD, a satisfação pessoal e progresso social prometida pela sociedade de aprendizagem. Na próxima seção analisamos os

significados que estão sendo postos em circulação por três peças publicitárias de instituições privadas que oferecem cursos na modalidade a distância e que instigam os sujeitos a buscarem cada vez mais uma melhora no seu desempenho pessoal, reforçando a ideia de sermos eternos *aprendentes*.

Anúncios que capturam os sujeitos na sociedade de aprendizagem

Nesta seção, passamos a analisar três peças publicitárias de diferentes universidades brasileiras que oferecem a EAD como modalidade de ensino. Os artefatos a seguir integram o corpo do relatório do censo da ABED (2014), publicação que tem por objetivo prover “esse mercado de informações que são elementos para a análise e produção de vetores e o estabelecimento de políticas e estratégias públicas e privadas” (ABED, 2014, p.21). O foco das análises são os significados que estão sendo postos em circulação como um regime de verdade, que, como mostramos a seguir, reforçam a ideia de sermos eternos *aprendentes* e de estarmos sendo orientados para viver em uma sociedade regida pela governamentalidade neoliberal.

A Figura 2 mostra uma das peças publicitárias da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e traz a frase “O que é liberdade para você?”. No subtítulo: “Liberdade para você ser uma referência”. Esta peça se utiliza de representações da EAD que circulam com bastante força na nossa sociedade, associando-a com flexibilidade e liberdade. Estas características se traduziriam na escolha de *como* e *onde* estudar. A imagem complementa a informação escrita, ao apresentar uma jovem de cabelos revoltos. Dá quase para “sentir” o vento no rosto da mulher na foto. O vento batendo no rosto é algo que se encontra em nosso repertório cultural como algo associado a ser livre, ideia de que a publicidade se vale para reforçar o enunciado de liberdade. De acordo Saraiva (2010), a liberdade é uma das principais verdades que vêm sendo difundidas a respeito da EAD, sendo utilizada como argumento de captura dos sujeitos. Entretanto, segundo a autora, ao proporcionar liberdade para escolher onde e como estudar, todo o tempo disponível passa a ser um tempo virtualmente possível de ser utilizado, comprometendo os sujeitos com sua aprendizagem num processo ilimitado.



Figura 2 – Anúncio FGV (ABED, 2014, p.21)

A ênfase na liberdade pode ser percebida também como um modo de alinhar-se com a governamentalidade neoliberal, o que torna a EAD especialmente interessante no contexto atual. De acordo com Foucault (2008), no neoliberalismo, a liberdade constitui-se em uma estratégia de governo. A proposta de uma educação com mais liberdade contribui para conduzir as condutas dos leitores para a escolha dos cursos a distância da FGV. Os empresários de si não necessitam estar presos em uma sala de aula, pois devem saber gerir seu tempo de modo autônomo, vivenciando processos infintos de aprendizagem supostamente sem submetimentos. Entretanto, o que talvez não seja possível perceber em um primeiro momento, é que esta liberdade justamente nos conduz a assumir os comportamentos desejáveis no capitalismo cognitivo, que faz do trabalho imaterial seu principal insumo.

Observemos a Figura 3, que mostra um anúncio em que o SENAC oferece “um mundo novo de oportunidades” e que tem como texto complementar “descubra novas possibilidades para sua vida profissional com os diversos cursos a distância do SENAC”.



Figura 3 – Anúncio SENAC (ABED, 2014, p. 6)

Aqui não é mencionada a carreira, mas a vida profissional, dando a noção de que vida e carreira são uma só coisa, o que vai na direção do que afirma Saraiva (2015). Ao associar vida e carreira, o texto reforça a noção do eu empresarial, de sujeitos para os quais a aprendizagem seria uma força natural para se viver (MASSCHELEIN; SIMONS, 2011). Outro ponto importante neste anúncio é a ênfase no “novo”. O título destaca “um mundo novo”, enquanto o texto complementar menciona “novas possibilidades”. Conforme Saraiva (2015), na sociedade de aprendizagem, os aprendentes são conclamados a continuar aprendendo não tanto para aumentar seu conhecimento. O principal seria a substituição dos conhecimentos obsoletos por outros novos em folha, capazes de darem conta de um mundo em permanente e veloz transformação. Ainda de acordo com Lazzarato (2006), a inovação, que era rara na modernidade, regida pela governamentalidade liberal e pelo capitalismo industrial, torna-se permanente e contínua na contemporaneidade, que está orientada pelos princípios da governamentalidade neoliberal e do capitalismo cognitivo.

Além disto, apesar da palavra liberdade não aparecer aqui, é possível reconhecer na imagem uma representação associada a esta ideia. A mulher, supostamente uma aluna dos cursos EAD do Senac, segura um computador portátil, o que lhe garantiria uma ampla

mobilidade. Ainda de acordo com Saraiva (2010), na atualidade a mobilidade é tomada como um dos principais vetores da liberdade. Ainda na mesma imagem, é possível ver esta mesma mulher vestida com roupas que caracterizam diversas profissões, como chefe de cozinha, profissional da área de saúde e outras, sinalizando a liberdade de escolha dos indivíduos. Liberdade que, segundo Lazzarato (2006), não seria da ordem da invenção de outros modos de viver, mas da escolha entre possíveis pré-estabelecidos.

Os significados que a EAD faz circular reforçam o que Foucault chamou de governo de si. Ao delegar aos sujeitos a necessidade de gerir seu tempo e suas escolhas para que consigam atingir seu objetivo de concluir um curso a distância, eles induzem os alunos a reverem as relações que travam consigo mesmos, aperfeiçoando as estratégias de autogoverno que utilizam. A suposta liberdade da EAD libera os alunos dos rígidos controles das salas de aula, que resultam no governo de si pelos outros, transferindo esta reponsabilidade para cada um. Deste modo, parece-nos possível dizer que a EAD funciona como uma estratégia mediadora das tecnologias de si.

A próxima figura mostra uma peça publicitária da Uninter e apresenta os cursos de pós-graduação a distância como o grande *lance* da carreira, associando-os a um atleta de reconhecida trajetória de sucesso.

PÓS-GRADUAÇÃO
A DISTÂNCIA UNINTER

O GRANDE LANCE DA SUA CARREIRA.

A PARTIR DE
R\$ **168,00**
MENSAL¹

São mais de 80 cursos nas áreas:

- Desportiva
- Educacional
- Engenharia e Meio Ambiente
- Gestão Empresarial
- Gestão Pública
- Jurídica
- Saúde
- Humanidades

INSCREVA-SE JÁ!
uninter.com
0800 702 0500

UNINTER
GRUPO
UNIVERSITÁRIO
INTERNACIONAL

Figura 4 – Anúncio UNINTER (ABED, 2014, p. 51)

Nesta peça publicitária, Pelé, escolhido o esportista do século XX, dá apoio ao texto. Embora se saiba que Pelé não tenha feito nenhum curso superior, sua figura sintetiza a ideia de sucesso profissional. Pelé encarna a figura daquele que se sagrou campeão, vencendo competições e deixando os concorrentes para trás. Tendo em vista, como já havia sido mostrado, que a governamentalidade neoliberal tem como princípio de inteligibilidade uma concorrência ilimitada entre todos, os cursos a distância se apresentam como estratégias capazes de tornar seus alunos vencedores. De acordo com Ball (2010), instala-se em nossa sociedade uma cultura da performatividade que nos instiga a aperfeiçoar cada vez mais nosso desempenho. Tal exortação pode ser associada à ideia de que a busca contínua de aperfeiçoamento que move os atletas na busca de uma melhor performance espalha-se pelos diversos domínios da vida. Os indivíduos não estariam se tornando apenas empresários de si, mas buscando ser atletas de alto desempenho neste esporte dominado pela concorrência generalizada chamado vida.

Aqui, o sucesso na carreira é claramente associado à pós-graduação. A ideia de liberdade de escolhas também está posta no discurso, que oferece mais de 80 cursos, ou seja, um deles há de interessar o sujeito. Outro destaque nesta peça publicitária são os valores de pagamento dos cursos, que se tornam um atrativo, reforçando a ideia de que o sucesso na carreira pode ser obtido com uma pequena parcela mensal. Portanto, a partir desta peça publicitária, talvez seja possível afirmar que está sendo produzida a ideia de que a EAD constitui uma estratégia para aumento da performance individual que necessita muito mais investimentos de capital humano, por meio da disponibilização de tempo e de esforço para a realização dos cursos, do que de capital financeiro. O sujeito endividado de que nos fala Deleuze (1996) teria uma dívida maior de comprometimento do que de dinheiro. Por outro lado, parece-nos possível afirmar que esta possa apenas ser uma estratégia de convencimento, tendo em vista que, como afirma Lazzarato (2011) em outra de suas obras, a dívida financeira constitui-se hoje em um poderoso mecanismo de governo dos indivíduos. Ao convencer os leitores a ingressarem em um curso EAD ligada a uma instituição privada, as peças publicitárias os incitam a contrair mais uma dívida que os deixa mais expostos aos mecanismos de dominação contemporâneos.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi analisar como a EAD se articula com a governamentalidade neoliberal e seu correlato, a sociedade de aprendizagem, sendo produto e produtora dessa racionalidade. Para dar conta de nosso intento, analisamos três peças publicitárias de universidades que oferecem EAD e que estão disponíveis no corpo do relatório sobre o censo da EAD no Brasil, publicado pela ABED (2014).

De acordo com as análises desenvolvidas, a EAD fortalece a ideia de flexibilidade e liberdade difundidas pela governamentalidade neoliberal. Liberdade que se expressa na escolha de horários, de local para estudar, da universidade e na escolha entre os infindáveis cursos oferecidos, como demonstram as peças publicitárias analisadas. O estado de liberdade, proporcionado pela sociedade de aprendizagem, não é um estado natural dos seres humanos, sendo necessário para tanto uma espécie de governo de si (FOUCAULT apud SIMONS; MASSCHELEIN, 2011). Esse governo de si pode ser observado nos sujeitos que são chamados a gerir seu próprio tempo, através das relações que travam consigo mesmo, e no aperfeiçoamento das estratégias de autogoverno a que são levados a desenvolver para darem conta desta suposta liberdade.

As peças publicitárias analisadas nos permitem observar que a EAD reforça a ideia de um aperfeiçoamento constante, instigando os sujeitos na busca de uma melhor performance individual. Esse desempenho individual é necessário na sociedade de aprendizagem, porque nesta sociedade não basta apenas ser criativo e querer participar do jogo de mercado, é preciso também ter disposição para investir no seu próprio capital humano, com vistas a um retorno futuro, como nos dizem Simons e Masschelein (2011).

Finalizamos observando que ao mostrarmos que a EAD funciona como uma estratégia de condução das condutas de sujeitos, orientando a produção de subjetividades pelos princípios da sociedade de aprendizagem e da governamentalidade neoliberal, não pretendemos desqualificar esta modalidade educacional. É necessário reconhecer que a EAD tanto fecha alguns espaços de liberdade, como também possui potencial para abrir outros tantos. As análises que produzimos foi no sentido de lançar um olhar crítico sobre as práticas atuais, de modo a melhor compreendermos o que estamos fazendo de nós mesmos. A compreensão daquilo que viemos a ser no presente abre possibilidades para nos tornarmos outros no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABED – Associação Brasileira de Ensino à Distância. Censo. 2014. Disponível em: <http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf>. Acesso em 30 dez. 2015.

ABED – Associação Brasileira de Ensino à Distância. Em qual região está localizado o maior número de estudantes EAD. Disponível em: <<http://www.ead.com.br/ead/qual-regiao-tem-maior-numero-de-estudantes-a-distancia.html>>. Acesso em 30 dez. 2015.

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 10, p. 83-92, 2011.

BALL, Stephen. Performatividades e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.35, n.2, p.37-55, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Decreto Nº. 5.622 - Presidência da República** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf>. Acesso em 30 dez. 2015.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1996.

EAD. **Em qual região está localizado o maior número de estudantes EAD**. Disponível em: <<http://www.ead.com.br/ead/qual-regiao-tem-maior-numero-de-estudantes-a-distancia.html>>. Acesso em 30 dez. 2015.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si. **Verve**, n. 6, p.321-360, 2004.

GADELHA, Silvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**. Introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, p. 142-169, 2009.

IZUMI, Cláudia Emi. **Cresce número de alunos de EAD no país; cursos livres são maioria**. Publicado em 26 set. 2012. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/09/26/cresce-numero-de-alunos-de-ead-no-pais-cursos-livres-sao-maioria.htm>>. Acesso em 30 dez. 2015.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, Maurizio. **La fabrique de l'homme endetté**: essai sur la condition néolibérale. Paris: Éditions Amsterdam, 2011.

SARAIVA, Karla. **Educação a Distância. Outros tempos, outros espaços**. Paraná, UEPG, 2010.p. 29-42.

SARAIVA, Karla. **Novas geometrias no trabalho e na educação**. In:KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais & Educação. Canoas:ULBRA, 2015. p. 57-72.

SCHULTZ, Theodore. **Capital humano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SIMONS, Maarten; MASSCHELEIN, Jan. **Sociedade de aprendizagem e governamentalidade: uma introdução**. Currículo sem fronteiras, v.11, n.1,pp.121-136, jan/jun 2011.